



FORMAÇÃO DOCENTE EM MÚSICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL: experiências do ensino remoto em Curso de Extensão ministrado por um estagiário cego

Larissa Torres

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
lariissatorres61@gmail.com

Carolina Chaves Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
carolinacg@ymail.com

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar as adaptações das aulas remotas realizadas na disciplina “Estágio Supervisionado I: educação infantil” com a participação de um aluno cego como estagiário discutindo experiências na formação inicial docente desenvolvida através do curso de extensão Primeiras Notas: Musicalização Infantil no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em meio a pandemia da COVID-19, especificando aprimorar a atuação e condução da disciplina, bem como os resultados obtidos da prática pedagógica em um projeto tão amplo em uma perspectiva futura. As experiências do caminho percorrido e escolhido pelo aluno foram decisivas na ampliação das possibilidades de adaptação realizadas bem como no aproveitamento do estágio. Foram percebidos como fatores importantes para esse processo a repetição da disciplina pelo discente, as adaptações desenvolvidas em conjunto com alunos e professores (orientadora e supervisores), e também mudanças nas concepções acerca das práticas de ensino remoto. Como resultado observou-se um melhor aproveitamento da disciplina pelo aluno e a boa participação e interação das crianças e familiares no curso de extensão.

PALAVRAS-CHAVE

formação inicial docente; curso de extensão; inclusão no ensino superior.

Como citar este artigo?

TORRES, Larissa; GOMES, Carolina Chaves. O Estágio Supervisionado e a formação docente inclusiva: experiências do ensino remoto a partir de um curso de extensão com estagiário deficiente visual. In: Encontro sobre Música e Inclusão, 9., 2022, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2022. Tema: Conectando conhecimento e boas práticas em Inclusão e Acessibilidade. p. 50–61. Disponível em: <https://ojs.musica.ufrn.br/emi>.

1 INTRODUÇÃO

Com a pandemia da COVID-19 as instituições de ensino passaram a realizar suas atividades em caráter remoto, sendo estas síncronas ou assíncronas. Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) realizamos durante os semestres de 2020.1 a 2021.2 atividades em formato remoto emergencial, a partir do qual todas as atividades deveriam ser realizadas ou privilegiar o espaço do online e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Professores e estudantes, dos mais diversos contextos e situações passaram a se adaptar à nova realidade.

Na Escola de Música da UFRN (EMUFRN), o Curso de Licenciatura em Música oferta, durante todos os semestres, disciplinas a serem ministradas no formato de Estágio Supervisionado em que os estagiários realizam atividades docente supervisionada em escolas da cidade de Natal/RN. Com os semestres em formato remoto emergencial, as práticas dos estágios precisaram ser reformuladas, além de atender às expectativas de formação no estágio supervisionado, características da disciplina, bem como contemplar a diversidade dos educandos e seus contextos, dentre os quais estão aqueles com deficiência e suas vivências.

Assim, esse trabalho objetiva discutir as adaptações das aulas remotas realizadas na disciplina “Estágio Supervisionado I: Educação Infantil” com a participação de um aluno cego como estagiário. Especificamente buscou discutir aspectos gerais da inclusão no ensino superior, notadamente referente à deficiência visual; analisar e aprimorar a atuação e condução da disciplina verificando e possibilitando adaptações; identificar as adaptações necessárias ou melhor avaliadas para condução de aulas de música online por parte de um docente com deficiência visual; apresentar parte dos resultados obtidos da prática pedagógica em um projeto tão amplo em diálogo entre extensão e ensino universitário.

A experiência foi realizada no semestre letivo 2021.1, no Curso de Licenciatura em Música da EMUFRN, em formato remoto emergencial no qual as aulas ocorriam através do *Google Meet* e a comunicação com os discentes ocorria mediante *Whatsapp* e SIGAA [\[Nota 1\]](#).

Para tal, foi realizado acompanhamento da disciplina no curso de graduação, das aulas ministradas às crianças da faixa etária da educação infantil e, ao final, realizado uma roda de conversa com os Estagiários e Supervisores para avaliar e pontuar as situações das aprendizagens vivenciadas. Este momento em grupo foi registrado em vídeo através do *Google Meet* após consentimento de todos os participantes. Posteriormente, a roda de conversa foi transcrita e textualizada, evidenciando temáticas que tratam do objetivo deste trabalho.

2 AULAS DE MÚSICA PARA DOCENTES EM FORMAÇÃO INICIAL: O ESTÁGIO REMOTO E SEUS DESAFIOS

2.1 A UFRN e a Licenciatura em Música: adaptações institucionais

Como mencionado, a UFRN e a EMUFRN entraram em formato remoto emergencial. Para continuação das atividades, foi disponibilizada uma conta Google com a possibilidade de gravação das aulas ministradas pelo *Meet*. Ainda assim, foi ressaltada a comunicação oficial através do SIGAA.

Em relação aos estágios supervisionados da EMUFRN, com a situação incerta das escolas da cidade alternando entre o presencial e o remoto, decidimos pela viabilização dos estágios em formato remoto. No caso do “Estágio Supervisionado I: educação infantil”, foi organizado e cadastrado um curso de extensão que abrangesse a faixa etária de 0 a 5 anos, no qual foram convidados na qualidade de supervisores, professores de música atuantes na educação infantil da cidade e que tiveram experiência em ministrar aulas remotas para seus alunos, no auge da pandemia. Cabe lembrar que, por meio do ensino da Música e demais linguagens artísticas, o educando “[...] desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas” (BRASIL, 1997, p. 19).

Sendo esse o formato mais próximo da realidade de ensino remoto vivenciada com crianças na cidade de Natal/RN, iniciamos a disciplina com o compromisso de realizar aulas de música para bebês e crianças no qual os estagiários seriam os ministrantes, sendo supervisionados pelos professores da escola básica e da universidade. Nesse sentido, foi criado o curso “Primeiras Notas: musicalização infantil” que contou com 8 aulas (conforme já era preconizado na disciplina presencial), sendo 4 síncronas (*Google Meet*) e 4 assíncronas (*Youtube*). Cabe mencionar que no semestre 2021.1, aqui em discussão, o Primeiras Notas já estava na sua 3ª edição.

As turmas de estágio foram divididas em grupos de três estagiários responsáveis cada um por uma turma de crianças. Na turma do “Estágio Supervisionado I: educação infantil” havia um estagiário com deficiência do tipo cegueira. Assim, formou-se o grupo de Kb, J e Js, responsáveis por uma turma do curso Primeiras Notas destinada a crianças de 3 e 4 anos, em que Js é o estagiário com deficiência visual. Os estagiários foram acompanhados pela professora orientadora (docente responsável pela disciplina e pelo curso de extensão) e os supervisores K e V, professores da escola básica de educação infantil, participantes desse estágio.

2.2 A disciplina e as relações: adaptações docentes

De maneira geral, a EMUFRN realiza um bom acompanhamento e suporte para seus alunos com deficiência. Assim, ao início do semestre letivo, o docente recebe um documento da Secretaria de Inclusão de Acessibilidade (SIA) explicitando questões desses discentes que podem auxiliar na escolha de estratégias didáticas para inclusão nas aulas regulares.

Dessa forma, de maneira geral, já são realizadas algumas adaptações como: descrição de imagens e de slides; entrega de documentos acessíveis a leitores; transcrição de partituras e textos musicais; acompanhamento por tutores específicos para alunos com deficiência; além da EMUFRN ofertar disciplinas que auxiliam nas adaptações para os alunos com deficiência visual, como por exemplo a disciplina optativa de Musicografia Braille.

Tais questões foram dificultadas com o ensino remoto, dado o distanciamento entre as pessoas e setores bem como ao uso de determinadas ferramentas entre softwares, computadores, gravadores (vídeo e áudio), sites, etc., especialmente para discentes com deficiência visual. Nesse sentido, o estágio procurou reduzir os recursos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) que poderiam ser utilizados (*Meet*, *Youtube* e *Whatsapp*), privilegiando, também, textos e materiais acessíveis.

Para além disso, a própria adaptação do espaço - este remoto - para realização do estágio supervisionado já foi uma adaptação necessária para que o estágio ocorresse em meio à pandemia. De acordo com a docente:

Professora orientadora: Esse estágio ele é um estágio pra pensar infância, pra pensar educação infantil, pra pensar escola básica de educação infantil. Não foi possível fazer na escola básica, então a gente tentou fazer da forma mais próxima possível que teríamos nessa situação. Esse mais próximo foi trazendo quem está na escola para conversar e para orientar vocês. Foi a gente fazendo o projeto na faixa etária do que é da educação infantil. Foi a gente fazendo num formato que foi o utilizado na educação infantil no período em que estava remoto.

O aluno Js havia iniciado a disciplina presencialmente em 2020.1 (suspensa em virtude da pandemia) e, posteriormente, em 2020.2 tentou cursá-la remotamente, participou por todo o semestre, mas optou por não concluí-la por entender que deveria realizá-la novamente para melhor aproveitamento. Assim, em 2021.1 Js cursa a disciplina, integralmente. De acordo com ele, essa trajetória de cursar e não finalizar foi para adquirir experiência, e foi devido principalmente à mudança brusca de formato ocasionada pela pandemia. Em suas palavras:

Js.: Embora seja um desafio enorme para mim estar participando assim de uma disciplina totalmente diferente do esperado. Porque a gente começou de forma, não nesse semestre, presencial em 2020.1, aí do nada um baque nessa mudança. Eu acho que o que me fez, acabou me fazendo desistir foi esse baque [risos] dessa mudança eu fiquei um pouco, sei nem como é que eu explico isso, mas enfim, dessa vez eu quero concluir sim.

Professora orientadora: É, mas não foi só você. A gente escutou isso de muita gente. E é você falando e algumas pessoas balançando a cabeça, porque realmente foi complicado para todo mundo. [...] Está sendo ainda, né?

No entanto, a professora ressalta que, apesar de ser um desafio difícil de superar, foi sentido por todos, em maior ou menor grau, mas que ainda naquele momento era vivenciado pela comunidade universitária como um todo. A experiência de se conectar mais ainda com os recursos tecnológicos existentes, mas não tão presentes em nossas vivências ocasionou essa insegurança por parte dos estudantes. Para além disso, quando questionado sobre as diferenças entre os dois momentos da disciplina, ele justifica tanto pela turma quanto pela sua própria atuação no estágio:

Professora orientadora: Foi muito diferente do outro estágio que você tinha começado, mas não tinha terminado ou não, foi mais ou menos a mesma coisa?

Js: Eu achei mais diferente, porque, embora a outra turma tenha sido muito boa, mas essa turma eu já achei melhor. Eu achei que eu me senti um pouco mais solto.

Cabe destacar aqui que, para além dos tempos de aprender (o tempo do aluno) há também os tempos da docência (do professor), no qual o estagiário se apropria das ferramentas docente para ministrar suas aulas e perceber-se professor no campo de estágio, mesmo desde o início do curso tendo disciplinas de estágio de observação, a regência das aulas contribuem muito mais para a bagagem docente criada durante o percurso da graduação. Assim, o fato de ter cursado a disciplina mais de uma vez foi fator determinante, pois ampliou o tempo para as aprendizagens de ser docente, além de aperfeiçoar e conhecer novas plataformas e recursos tecnológicos durante este período de repetição da disciplina. Essa ampliação do tempo foi necessária por questões de inclusão tanto relativas à deficiência em si quanto à construção de identidade docente do próprio estagiário. Nesse sentido, cabe lembrar Bellochio (2016, p. 8) quando fala que "a formação de um professor de música implica exercício permanente [...] no processo de desenvolvimento pessoal e profissional", mostrando satisfação nessa nova experiência por parte do estagiário.

Nesse sentido, a professora orientadora ressalta na roda de conversa a questão dos delineamentos próprios da construção docente esperada no estágio supervisionado, especialmente tratando-se, neste caso, do Estágio Supervisionado I.

Professora orientadora: Foi um semestre onde falamos muito sobre a construção da docência. Eu acho que por ser o primeiro estágio, ele tem essa responsabilidade de falar quem são vocês professores. [Que vocês] vejam ali na experiência, participem, tentem identificar aluno por aluno. Vejam quais as possibilidades que vocês têm, testem as aulas antes. Então [interessa] esse momento do que não necessariamente está atrelado à infância em si, mas ao “dar aula”, ao “me posicionar como docente de”. E foi um desafio bem grande para vocês, porque realmente para as crianças em nenhum outro momento teve outro professor, só vocês

São, então, destacadas na disciplina as demandas necessárias e as demandas possíveis para a primeira experiência de Estágio Supervisionado em formato remoto. Demandas essas que dialogam constantemente com as possibilidades e os desafios do ensino e aprendizagem na formação docente inicial em música durante a pandemia, notadamente buscando a inclusão de todos os atores desse processo (professores/as/us, supervisores/as/us, alunos/as/us, crianças, pais, etc.), dando possibilidades para serem utilizadas futuramente no ensino presencial.

2.3 Ser professor de música para crianças em formato remoto: aprendizagens e experiências

Construir uma prática docente em música em formato remoto é algo que ainda estamos aprendendo. Ainda mais desafiador é desenvolver e encontrar formação inicial docente nesse âmbito. Para isso, durante o semestre remoto os atores que geralmente participam do Estágio Supervisionado tomaram outras dimensões. A distância física permitiu a aproximação de ideias no momento que os supervisores podiam-se fazer presentes durante, praticamente, todas as aulas da disciplina Estágio Supervisionado da graduação. Eles acompanhavam as aulas e comentavam, trazendo casos da realidade escolar vivenciada e da experiência de construção docente deles próprios.

Com o distanciamento da escola de educação básica (enquanto instituição), o formato de curso de extensão remoto permitiu o acolhimento de pais e família nas aulas de música, aproximando a família e transformando o ambiente da casa em um ambiente de interações e vivências musicais compartilhadas. Uma aproximação muito distante da realidade observada nas experiências presenciais de estágio supervisionado.

Assim, em virtude dessa mudança na participação e atuação de cada um desses atores, várias demandas foram identificadas e incorporadas ao estágio supervisionado, ao mesmo tempo em que outras saíram do espectro desse estágio.

De acordo com os estagiários, a importância dos supervisores no espaço da prática, ou seja, nas aulas do curso Primeiras Notas, foi imprescindível. E o formato remoto ajudou a ampliar o tempo de discussão e planejamento conjunto com esses supervisores. De acordo com o estudo de Clauhs (2018 apud Garcia et al., 2020, p. 37) o uso do ambiente virtual pode auxiliar o exercício dos professores atuantes na rede básica e pública, desenvolvendo uma proficiência no uso didático-pedagógico de tecnologias digitais através de atividades on-line. Segundo os estagiários, as intervenções promovidas a partir dessas discussões foram perceptíveis inclusive pelos pais e crianças.

Kb.: Gostaria de falar também a respeito dos supervisores. Foi muito importante essa questão do feedback ao final das aulas. Porque a gente viu o que poderia ser melhorado, teve atividades que eles sugeriram que na outra aula a gente já pôde colocar no planejamento. E aí a gente percebeu uma mudança bem grande quanto a interação, a aula foi bem mais participativa.

J.:A gente percebeu que a partir dessa 3ª aula tivemos o auxílio de K. [supervisor] dando sugestões de algumas músicas, e já colocando em prática a mudança foi enorme. A interação foi total daqueles que puderam participar da aula. E depois, na última aula, a gente também colocou em prática a sugestão de V. [supervisor] então a gente viu quanto é importante o papel do supervisor ali dando algumas orientações. Eles têm experiência, então isso proporcionou um retorno muito grande, das mães e das próprias crianças durante as aulas.

Uma das adaptações, mais difundidas para o período remoto na pandemia, foi a não ativação do microfone enquanto uma pessoa está falando, abrindo apenas um microfone por vez. Quando há mais de um microfone ligado com pessoas falando ao mesmo tempo, em geral, os softwares "cortam" o som de um dos falantes deixando a informação truncada, porém, permitindo uma aula mais interativa. Via de regra, durante as aulas remotas, os estagiários abriam os microfones um por vez, assim como as crianças. De fato, os recursos tecnológicos que temos até então para a transmissão de videoconferência - em situações de aulas remotas - carecem na qualidade e na transferência de dados, bem como no avanço e possibilidades de softwares e plataformas.

Assim, no relato em sala de aula, Js mencionou que não conseguia visualizar os alunos ou suas ações com os microfones desligados. Que sentia falta dessa interação, especialmente nesse formato remoto e com crianças. Nesse sentido, a professora trouxe o conceito de pensar junto com a família que na aula remota a sala de aula é a casa da criança. Então, se na aula é momento de silêncio é importante que o ambiente familiar reflita esse silêncio, se a aula pede sonoridades, a casa tem que acolher essas sonoridades. É preparar a casa para ser o ambiente de aula naquele momento. Dessa forma, seria possível

manter os microfones abertos garantindo a interação entre Js e os demais participantes, bem como a integração de todos.

Complementarmente, Js sugeriu ministrarem a aula inteira, todos os momentos, com o microfone de todas as crianças ligado, e assim foi realizado. A estratégia tomada em conjunto com a orientadora foi uma adaptação da aula remota de música para inclusão do estagiário cego.

Js: Bom, eu posso dizer, como minha experiência, que eu acredito que eu tive uma interação melhor do que se fosse com os microfones fechados, porque o tempo todo eu pude ouvir as crianças responderem. Aquelas que respondiam. Então, assim, me ajudou bastante essa questão de deixar o microfone ativo. É ruim no sentido que dá aquele *delay* da conexão, mas dá pra aproveitar alguma coisa, melhor do que se deixar fechado. Porque só eu passando o conteúdo e tentar imaginar que elas estão me respondendo, pra mim não dá, porque eu não enxergo, não vou enxergar do outro lado. Então, realmente, eu vou precisar ouvir esse feedback sonoro e aí os pais auxiliando também já ajuda bastante. Então assim, deu pra conseguir entender bastante coisa. Não é tudo porque, com certeza, pra ter uma informação melhor eu teria que estar enxergando, mas já me auxiliou bastante em muita coisa. E o pessoal [estagiários e supervisores] também, sempre que podia, falava alguma coisa e aí dava pra saber mais ou menos, ter uma noção do que estava acontecendo.

Como Aristides e Santos (2018) observam, podemos considerar que a adoção e a apropriação das tecnologias digitais subentendem uma construção cultural; os esforços do estudante e/ou do educador para adotar ferramentas digitais estão diretamente relacionados com o valor que o meio sociocultural atribui a estas ferramentas, sem precisar, "limitar-se à transmissão de conhecimentos técnicos e ao desenvolvimento da capacidade de saber executar tarefas e procedimentos, pilares da educação profissional técnica" (DURÃES 2009 apud KANDLER, 2020, p. 448).

Além dessa adaptação nas aulas com as crianças, os próprios colegas, estagiários comentaram que faziam descrições das situações vivenciadas, na medida em que avaliavam ser relevantes para Js.

J: Ele falou sobre a questão de durante as aulas, quando a criança não abria o microfone que a gente notava algo diferente a gente comentava, justamente com o intuito que ele soubesse o que estava acontecendo naquele momento. Eu gostei bastante.

A experiência docente compartilhada com um colega deficiente visual foi importante para o grupo, pois, de acordo com um dos estagiários:

J.: Pra gente foi muito bom, eu gostei muito. [...] Teve uma semana que a gente se reuniu 3 vezes pra preparar a aula pra sexta-feira deixar tudo pronto. E foi muito bom trabalhar com essa equipe, com Js, apesar da deficiência, mas a gente ali conseguiu nos ajudar, porque ele tem muita

experiência também. Js ele dava muita sugestão importantíssima. Aí a gente ia acatando e ia somando ao plano de aula e foi muito bom, eu gostei bastante.

De maneira geral, percebe-se que os grupos tanto de estagiários e supervisores quanto de crianças e seus familiares, reconhecem a contribuição de Js para o ensino, bem como das adaptações que, a princípio seriam apenas para Js, mas que seguiram sendo importantes para todo o grupo.

J.: A gente percebeu que os pais também estavam, viu? Eles não apareciam na câmera, mas a gente ouvia a voz deles ajudando as crianças a cantar também. Foi bem bacana também.

A participação dos pais durante as aulas, mesmo que auxiliando as crianças, se tornou um incentivo para os estagiários, e a estratégia do microfone aberto permitiu a visualização das ações da família junto às crianças.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as aprendizagens a partir da experiência na disciplina de Estágio Supervisionado I para os graduandos em Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, desenvolvido através do curso de extensão “Primeiras Notas: musicalização infantil”, trouxe expectativa e aproximou a realidade sobre o mundo do trabalho em meio às aulas remotas. Tal experiência se tornou importante pois, assim como nas aulas presenciais, reflete os medos e inseguranças que o graduando tem com os primeiros contatos com a docência em música.

A presença do aluno Js possibilitou à todo o grupo (estagiários, supervisores, docente orientadora, pais e crianças) repensar e reestruturar as condições previamente estabelecidas para um contexto de ensino remoto. Essas estratégias foram tomadas em conjunto com Js, professora orientadora e supervisores, e percebeu-se que essas adaptações foram benéficas para todos colocando inclusive os próprios colegas na posição de partícipes dessas adaptações construindo-as ao longo do processo.

Assim, percebe-se que nesta experiência pedagógica o processo de inclusão necessário à realização do Estágio Supervisionado em educação infantil no Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte foi um processo no qual a diversidade e a inclusão mostraram-se agregadoras e mobilizadoras de conhecimentos e de pessoas.

Por fim, cabe concluir com a fala da docente orientadora quando menciona que

Professora orientadora: Eu acho que a gente tem muito ainda a avançar em pensar um remoto inclusivo, e talvez no formato que a gente pense num estágio e num estágio com crianças o desafio é maior ainda. Eu nem sei se hoje a gente tem recursos tecnológicos suficientes para tornar isso um ambiente realmente inclusivo, mas é um ambiente de desafio, então ter o Js aqui faz a gente pensar nessas outras possibilidades de Js. Por isso foi muito massa você participar do primeiro [curso de extensão Primeiras Notas], depois participar do segundo também. E faz a gente pensar: que outros formatos a gente pode ter? Que outros jeitos de pensar? Talvez, por exemplo, se eu não tivesse trazido pra turma aquela ideia de que a casa passa a ser um ambiente da escola e aí aquele cuidado que a gente enquanto sociedade teria que ter da interação, de pensar que aquele espaço aonde agora está acontecendo aquela aula é um espaço de sala, então todo mundo tem que prezar pelo silêncio, todo mundo tem que pensar... É uma forma diferente de pensar mas talvez se eu não tivesse trazido, se a gente não tivesse tido o desafio de pensar uma forma inclusiva de ver, uma outra forma de ver que não fosse apenas visual. Então foi muito bacana. Obrigada, Js, pela oportunidade.

Assim, espera-se que esse trabalho suscite outras discussões e outras experiências de inclusão no ensino superior, notadamente com crianças. As possibilidades não se esgotam aqui, pelo contrário, mostram-se maiores e mais necessárias.

REFERÊNCIAS

- ARISTIDES, Marcos André Martins; SANTOS, Regina Marcia Simão. Contribuição para a questão das tecnologias digitais nos processos de ensino-aprendizagem de música. **Revista da ABEM**, Londrina v. 26, n. 40, p. 91-113, jan./jun. 2018.
- BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Formação de professores de música: desafios éticos e humanos para pensar possibilidades e inovações. **Revista da ABEM**, v. 24, n. 36, p. 8-22, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/595>. Acesso em: 23 out. 2021.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**; Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.
- GARCIA, Marcos da Rosa; BELTRAME, Juciane Araldi; ARAÚJO, José Magnaldo de Moura; MARQUES, Gutenberg de Lima. A temática das tecnologias e educação musical: uma revisão integrativa das publicações de eventos internacionais da Isma entre 2010 e 2018. **Revista da ABEM**, v. 28, p. 28-45, 2020.
- KANDLER, Maira Ana. Música na educação profissional e tecnológica: diferentes possibilidades formativas. **Revista da Abem**, v. 28, p. 446-467, 2020.

LISTA DE NOTAS DE RODAPÉ

Nota 1, página 51: SIGAA é o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas, desenvolvido e utilizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte para registro, acompanhamento e avaliação das atividades.

[Retorno Nota 1, página 51](#)